

## «««TRIBUNA DO VATE»»»



**Vitorino Nemésio Mendes Pinheiro da Silva** (Praia da Vitória, 19 de Dezembro de 1901 — Lisboa, 20 de Fevereiro de 1978) foi um poeta, escritor e intelectual de origem açoriana que se destacou como romancista, autor de *Mau Tempo no Canal*, e professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Com 16 anos de idade, Nemésio desembarcou pela primeira vez na cidade da Horta para se apresentar a exames, como aluno externo do Liceu Nacional da Horta. Acabou por concluir o Curso Geral dos Liceus, em 16 de Julho de 1918, com a qualificação de *dez valores*.

Em 1934 doutorou-se em Letras pela Universidade de Lisboa com a tese *A Mocidade de Herculano até à Volta do Exílio*.

Entre 1937 e 1939 leccionou na Universidade Livre de Bruxelas, tendo regressado, neste último ano, ao ensino na Faculdade de Letras de Lisboa.

Em 1958 leccionou no Brasil. - A 12 de Setembro de 1971, atingido pelo limite legal de idade para exercício de funções públicas, profere a sua última lição na Faculdade de Letras de Lisboa, onde ensinara durante quase quatro décadas.

Foi autor e apresentador do programa televisivo *Se bem me lembro*, que muito contribuiu para popularizar a sua figura e dirigiu ainda o jornal *O Dia* entre 11 de Dezembro de 1975 a 25 de Outubro de 1976.

Foi um dos grandes escritores portugueses do século XX, tendo recebido em 1965, o Prémio Nacional da Literatura e, em 1974, o Prémio Montaigne.

Faleceu a 20 de Fevereiro de 1978, em Lisboa, no Hospital da CUF, e foi sepultado em Coimbra. Pouco antes de morrer, pediu ao filho para ser sepultado no cemitério de Santo António dos Olivais, em Coimbra. Mas pediu mais: que os sinos tocassem o Aleluia em vez do dobre a finados. O seu pedido foi respeitado.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Vitorino\\_Nemesio](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vitorino_Nemesio)

**PRECE**

Meu Deus, aqui me tens aflito e retirado,  
Como quem deixa à porta o saco para o pão.  
Enche-o do que quiseres. Estou firme e preparado.  
O que for, assim seja, à tua mão.  
Tua vontade se faça, a minha não.

Senhor, abre ainda mais meu lado ardente,  
Do flanco de teu Filho, copiado.  
Corre água, tempo e pus no sangue quente:  
Outro bem não me é dado.  
Tudo e sempre assim seja,  
E não o que a alma tibia só deseja.

Se te pedir piedade, dá-me lume a comer,  
Que com pontas de fogo o podre se adormenta.  
O teu perdão de Pai ainda não pode ser,  
Mas lembra-te que é fraca a alma que aguenta:  
Se é possível, desvia o fel do vaso:  
Se não é, beberei. Não faças caso.

**Indício Velado**

Não toques, distância, no seu cabelo molhado;  
Não lhe mexas. Rosto puro, às águas posto e preso,  
Uma imagem será o seu único peso,  
Um pensamento o único beijo que me há dado.

Que o Índico persiga o indício velado;  
Decore o Mar Vermelho o forte rosto aceso -  
Mas não para morrer: para menos desprezo;  
E eu próprio fique em meu amor atenuado.

Oh! platónico amor de ninguém e de alguma,  
Espectro que criei e rodeei de lágrimas,  
Vénus ainda ao longe no aro da minha espuma!

Imagem, força de vontade, imagem  
Viva ou morta, não sei; imagem acre... mas  
Verdadeira e suave, isso mais que nenhuma!

**Que Bem Sabe o Amor Constante**

Até no carro te canto,  
Fala a fala, seio a seio,  
Espantado de um encanto  
Que mais parece receio

De te perder à partida  
Pra te ganhar à chegada,  
Pois tu és a minha vida  
Na ida e volta arriscada.

Vai o Godinho ao volante  
Com seu ar de conde antigo  
Que bem sabe o amor constante  
Que me aparelha contigo.

Poupado na gasolina,  
Discreto na confidência,  
Navegador à bolina  
Dos rumos da nossa ausência.

Leva-me à Embaixada, ao almoço:  
Travou, mas não sei que tenho:  
Um resto de ardor de moço  
Contigo no meu canhenho.

**A concha**

A minha casa é concha. Como os bichos  
Segreguei-a de mim com paciência:  
Fechada de marés, a sonhos e a lixos,  
O horto e os muros só areia e ausência.

Minha casa sou eu e os meus caprichos.  
O orgulho carregado de inocência  
Se às vezes dá uma varanda, vence-a  
O sal que os santos esborroou nos nichos.

E telhadosa de vidro, e escadarias  
Frágeis, cobertas de hera, oh bronze falso!  
Lareira aberta pelo vento, as salas frias.

A minha casa... Mas é outra a história:  
Sou eu ao vento e à chuva, aqui descalço,  
Sentado numa pedra de memória.

